



O Jornalismo e a formação dos jornalistas na concepção de Celso Kelly

Élida Vaz¹

Universidade Estácio de Sá e PUC-Rio

Resumo: Este artigo tem o propósito de resgatar a concepção da formação de jornalistas brasileiros a partir da visão de Celso Kelly, responsável pelo fim dos cursos de Jornalismo no País, nos anos 1960, e pela introdução da formação híbrida do profissional de Comunicação Social. Presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Kelly, que ocupou diferentes funções no governo militar, concebeu a proposta depois de participar de um curso oferecido pelo Centro Internacional de Estudos de Jornalismo (Ciespal), órgão da Unesco, cuja atuação sobre a América Latina é extremamente polêmica pela defesa do fim da formação específica e a adoção de um curso mais generalista e moderno. Utilizando o livro “As novas dimensões do jornalismo”, busca-se mapear as ideias de Kelly a respeito do Jornalismo e da formação dos jornalistas.

Palavras-chave: Comunicação Social; Jornalismo; jornalistas; formação; Celso Kelly.

1. Da formação específica à generalista

A concepção da formação de jornalistas brasileiros pode ser observada a partir da visão daqueles que se dedicaram à formulação de propostas, currículos e legis-

¹ Professora da Universidade Estácio de Sá. Doutora em Comunicação Social pela PUC-Rio, sob orientação do professor Dr. Leonel Aguiar. E-mail: vazelida@gmail.com

lação. Um dos personagens desse processo é Celso Kelly, cuja centralidade pode ser destacada pelo fato de implantar uma formação híbrida, que resultou na extinção dos cursos de Jornalismo, substituídos pelos de Comunicação Social.

Tal proposta teve vida longa, vigorando desde os anos 1960, até a adoção, em 2016, das Diretrizes Curriculares Nacionais, formuladas por uma comissão de especialistas criada pelo Ministério da Educação, pela Portaria MEC no. 203/2009 e que propôs a retomada de uma formação mais específica, com o fim do curso de Comunicação Social e a retomada do curso de Jornalismo, hoje em vigor.

Crítico de arte, técnico em educação, Kelly também foi presidente e conselheiro da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e professor do primeiro curso de Jornalismo oferecido por uma universidade pública no Brasil, além de ter escrito colunas em jornais como *A Noite*, onde foi repórter, redator e diretor.

Formado em Direito pela Universidade do Brasil, em 1928, teve presença efetiva em diversos governos, inclusive no militar, quando foi secretário geral do Conselho Federal de Educação e ocupou a direção do Departamento Nacional de Educação.

Eduardo Meditsch, que integrou a comissão de especialistas do MEC e tem diversos livros dedicados à formação de jornalistas, considera que a implantação do currículo teve forte interferência da Unesco. Isso teria ocorrido não só no Brasil, mas em outros países à época chamados de terceiro mundo. Isto porque a entidade, dominada pelos Estados Unidos, defendia o controle sobre a formação dos jornalistas, alertando que o “Jornalismo podia agravar, se mal inspirado, os desajustamentos entre grupos, classes e partidos, ou atenuá-los até o ponto de extingui-los, se baseado na boa compreensão dos fatos e na lúcida revelação dos mesmos”. (MEDITSCH, 2012, 53).

O ponto central dessa ação da Unesco foi a criação do Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina (Ciespal), com sede no Equador, e que vai desenvolver uma série de cursos para “modernizar” os sistemas educacionais da América Latina.

Na Conferência de Punta Del Leste, realizada naquele ano, é traçado um programa de “modernização” dos sistemas educacionais do continente, que recebe um controle centralizado, prioridade ao ensino técnico e profissional, tecnificação do ensino de humanidades e ciências sociais e despolitização das relações educacionais. Articulado a esta política, de 1960 a 1964, o Ciespal já havia

formado mais de 200 professores e diretores de escolas, além de jornalistas profissionais, em seus Cursos Internacionais de Aperfeiçoamento em Ciências da Informação Coletiva. (IANNI E MELO APUD MEDITSCH, 2012, 53)

Celso Kelly recebeu a formação do Ciespal e foi responsável pelo currículo implantado em pleno regime militar e que vai marcar a tecnificação do ensino, que sai da fase belettrista e entra na positivista. Baseado fortemente na tradição norte-americana, esse modelo vai se caracterizar pela visão funcional-empiricista da Comunicação. Encerra-se, assim, a formação específica em jornalismo e surge a ideia do profissional polivalente, capaz de atuar em diferentes áreas da comunicação.

Implantado em 1969, o currículo teve o acompanhamento de técnicos norte-americanos, com o claro propósito de “articular a Universidade ao sistema econômico e evitar a sua politização”. (LINS DA SILVA APUD MEDITSCH, 2012, 57) Meditsch considera que a ação teve preocupação claramente política e se implantou nos países latino-americanos justamente após a Revolução Cubana, numa clara tentativa de evitar que por aqui ocorresse algo parecido.

O Ciespal não se limitava a propor a criação de um novo tipo de profissional: propunha a extinção e a substituição das profissões previamente existentes. A política do Centro influenciou a regulamentação profissional em diversos países e conseguiu unificar a linguagem acadêmica da área em todo o continente, com a boa desculpa de "facilitar o intercâmbio". Em 1964, o Centro já havia formado em seus cursos mais de duzentos professores e diretores de escolas, e os resultados não tardaram a aparecer. Conforme relatório do professor americano Raymond Nixon, em 1970 um terço das escolas do continente haviam trocado a denominação "de jornalismo" por "de comunicação" ou equivalente. Em 1980, este número estava próximo de 85%.²

O jornalismo e os jornalistas na visão de Kelly

Em 1966, Celso Kelly lança o livro “As novas dimensões do jornalismo”, que reúne uma série de pronunciamentos e reflexões a respeito do jornalismo e da formação dos profissionais da área. O autor, inclusive, dedica o livro à ABI, afirmando ter o propósito “(...) da defesa da liberdade e do aprimoramento do jornalismo (...)”. (KELLY, 1966, dedicatória)

² MEDITSCH, Eduardo. Crescer para os lados ou crescer para cima: o dilema histórico do campo acadêmico do jornalismo. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-dilema-historico-jornalismo.pdf>

A obra, de 109 páginas, pode ser considerada uma síntese do pensamento de Kelly a respeito do que considerava adequado à formação dos jornalistas. São oito capítulos, que tratam do conceito da atividade, passando pela teoria estética do jornalismo, liberdade de imprensa, jornalismo boêmio, ensino, com foco na formação sistemática, reformulação do ensino, além de uma oração aos jovens jornalistas e uma análise do jornalismo carioca.

Com o sugestivo título de “Oração ao Jovem Jornalista”, Celso Kelly apresenta, em oito páginas, as características, qualidades e compromissos que os jornalistas deveriam apresentar para abraçar a profissão que escolheram. No texto, o autor utiliza expressões como responsabilidade, devoção, dedicação, corpo, alma, dependência e fidelidade integradora. Há uma evidência explícita da concepção do autor da profissão como uma espécie de devoção, permanente, “acima de quaisquer outros interesses.” (KELLY, 1966, 79)³

Proferida como discurso de paraninfo aos formandos de 1966, na antiga Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atuou como professor, a oração destaca ainda o caráter sedutor da profissão:

Até agora, essa profissão fôra para os diplomados um campo de ensaio; para alguns, um começo de trabalho – com as devidas desculpas e evasões de quem ainda tinha os passos presos à escola. Era, quando muito, uma transição entre o dever universitário e a experiência profissional. De hoje em diante, o grau recebido confere a responsabilidade: a devoção se tornará total. Ao Jornalismo os egressos deste Curso se dedicarão de corpo e alma”. (KELLY, 1966, 78)

A visão da profissão como uma atividade marginal ou que não seja a principal atividade é contestada por Kelly. Para ele, os que adotam essa postura, “Não atingem a exata e nobre condição de jornalista”. (KELLY, 1966, 79)

Isso porque o autor considera que os jornalistas, de fato, precisam ter uma “sensibilidade privilegiada”, pelo fato de terem que observar o que ocorre à sua volta, precisando ter ainda uma “extraordinária acuidade”. Referindo-se à relação da profissão com a ciência, e comparando o jornalismo com a psicologia ou a sociologia, Kelly é enfático: “Não se trata de uma *relação de ciência*, porém de uma *relação de sensibilidade*, isto é,

³ Na transcrição dos textos do autor, foram mantidas as características originais, inclusive quanto ao uso de acentos gráficos que vigoraram na época. Nota da autora

o grande cotidiano e o belo diálogo que o jornalismo trava, a todo momento, com os que o buscam na ânsia da notícia e do comentário”. (KELLY, 1966, 79, grifos do autor)

Ainda seguindo esta lógica, o autor observa que o modo de agir do jornalismo não é o do cientista, mas do artista.

O jornalista descobre, a qualquer pretexto, as peculiaridades da espécie e as traduz em “achados” elementares – os seus registros – com que desvenda os mais intrincados mistérios. Na captação de tais aspectos – uns parecem vulgares, outros fatais, sem ares de transcendência – escreve o jornalista o mais sensível capítulo sobre a humanidade. Talvez o mais verdadeiro, dada a acuidade que revela. Tem, sobre os ensaístas, a superioridade do pressentimento, uma projeção diária no futuro. O passado não lhe pertence. O presente não se limita a presente: é também predição”. (KELLY, 1966, 79)

A sensibilidade é considerada um “dom de Deus”, mas que pode ser aperfeiçoada pelas pessoas, no caso os jornalistas. É uma visão do jornalista como flâneur, “passeando sua atenção por variados domínios (como o turista que vagueia o olhar pela natureza) (...)”. (KELLY, 1966, 81) Esse aperfeiçoamento da sensibilidade seria resultado de um treinamento especial, cuja forma não é explicitada pelo autor, mas que torna os jornalistas capazes de selecionarem aqueles que de fato significam para a coletiva. E assim o jornalista se torna “um servidor de esclarecimento”. (KELLY, 1966, 82)

Na oração, Kelly apresenta a necessidade de o jornalista possuir, além da sensibilidade, “conhecimentos culturais básicos”, entre eles o da geografia, da história, física, artes além dos idiomas. Mas ele ressalta que a cultura para o jornalista não deve ser medida apenas com a erudição: “(...) ao contrário, será a verdadeira cultura – a cultura assimilada -, não para a reprodução enfática, porém para a melhor compreensão dos fatos, associada à sensibilidade cultivada e treinada, que é também efeito e integração de cultura”. (KELLY, 1966, 83)

Seguindo esta lógica, Kelly enfatiza que em todo o jornalista existe “um ser enciclopédico, iniciado nos bancos universitários e complementado, existência afora, pelas achegas do ofício”, aludindo à experiência como um fator determinante neste processo de formação.

E é nesse ponto que ele faz a referência explícita à formação universitária dos jornalistas, observando que ela deve contemplar cultura geral, cultura específica e cultura técnica, devendo ocorrer de forma simultânea “com a prática e a inovação”. O autor

destaca a importância do “ambiente da Universidade”, pelas possibilidades que apresenta quanto ao acesso ao saber, à pesquisa, a convivência com a diversidade de profissões, bem como encontro com mestres e demais colegas “de quantos cursos testemunhem a universalidade do conhecimento”. (KELLY, 1966, 84)

Compromisso com a verdade e liberdade de expressão são enfatizados pelo autor, que evidencia sua visão cristã diante do mundo e das profissões:

Quem caminha com tais credenciais, para o mundo maravilhoso das comunicações coletivas, leva à humanidade uma mensagem de fé, de integridade moral, de respeito por seu semelhante, como se das contingências do jornalismo emergisse uma nova magistratura na pureza de suas intenções e pronunciamentos, apesar das inquietações e vicissitudes do ofício. (KELLY, 1966, 85)

A visão romântica do jornalismo, associado a grandes heróis de diferentes épocas, é evidente na perspectiva de Celso Kelly. Entre os grandes personagens da história do mundo, destaca Homero, poeta épico da Grécia antiga; Aquiles e Heitor, também personagens da mitologia grega; e Ernest Hemingway, escritor norte-americano, que se destacou no jornalismo com a conquista de prêmios de grande relevância, como o Pulitzer⁴.

É dessa forma que o autor relaciona o jornalismo, historicamente, ao que considera seu aspecto mais singelo: “(...) a escolha e captação do fato, a sua reformulação em notícia, a divulgação regular da mesma a um público cada vez maior(...)”. A essência do jornalismo reside, na visão de Kelly, em saber captar e transferir a informação a quem se interessa. E ele prossegue observando que o virtualismo da imprensa está justamente na passagem da informação, na sua transformação em notícia.

Comunicabilidade é um conceito empregado em diversos pontos pelo autor, para se referir a todos os recursos empregados pelo jornalismo na transmissão dos fatos que se julgam mais relevantes – processo de apuração, a linguagem adotada, ou “tôda criação expressiva”. (KELLY, 1966, 15) Um processo que o autor define como engenho e que envolve inclusive aspectos artísticos. “Tôda arte, tôda linguagem, tôda criação expressiva importa em transmissão de uma idéia, uma mensagem, uma notícia. (KELLY, 1966, 15)

⁴ <http://www.pulitzer.org/>

A conquista do público é apontada como a principal função do público, no que Kelly chama de “a grande batalha da competição jornalística”, lembrando que assim como não há teatro sem plateia, não existe jornal ou revista sem leitores. (KELLY, 1966, 15)

Além de apresentar as características que distinguem os diferentes veículos por onde circulam as produções jornalísticas – TV, jornal impresso, revista e rádio, Kelly também destaca a importância da publicidade, lembrando que a técnica cresceu aliada ao desenvolvimento do jornalismo, exercendo, portanto, também forte influência sobre o leitor. E também comenta a respeito da propaganda política e dos departamentos de informação, que também possuem funções próximas do jornalismo.

Recorrendo a Alceu Amoroso Lima, importante liderança católica, Celso Kelly defende uma teoria estética do jornalismo, pela criatividade que envolve a atividade, bem como pela comunicabilidade, integração social, emoção coletiva, valorização do cotidiano, entre outros fatores. E o autor aponta novamente dois problemas cruciais do jornalismo: a posição diante dos fatos e a capacidade de transferência ao leitor. E aponta o repórter como a figura central desse processo, pela “curiosidade por tudo, sensibilidade aguçada, destemor diante do perigo, perseverança e continuidade”, que são apontadas como qualidades essenciais ao bom profissional. (KELLY, 1966, 26)

Outro aspecto ressaltado é o do uso da palavra, que faz o jornalismo se aproximar da literatura, mas sem que isso signifique que devemos confundir a produção das notícias com a ficção. Haveria então afinidades e influências da literatura sobre o jornalismo e do jornalismo sobre a literatura. “Uma das diferenças residirá no propósito do autor: o escritor expressa seus próprios pensamentos e experiências; o jornalista expressa os da comunidade. A literatura pode abstrair-se do tempo; o jornalismo precisa ser oportuno”. (BOND apud KELLY, 1966, 32)

Estar sempre atento, ou de “faróis acesos” nos dizeres de Kelly, é o comportamento que se espera dos bons jornalistas, que devem sempre estar em busca de informações. E também decorre da sensibilidade do jornalista a escolha, entre tantos fatos, daqueles que mais sensibilizam a audiência. Assim, o autor enumera a necessidade de os jornalistas saberem “como observar, ouvir, anotar e interpretar os fatos e acontecimentos de cada dia”. E nessa tarefa de informar não é o efêmero que caracteriza o jornalismo, mas

a busca do permanente. “(...) o jornal é exatamente uma contínua luta pela fixação de realidades, uma tentativa de captar, nos acontecimentos cotidianos, algumas verdades particulares e permanentes na vida do homem”. (KELLY, 1966, 28)

Escrever depressa é outro requisito considerado fundamental por Kelly aos grandes jornalistas. E isso deve ser associado à precisão e ao menor uso de palavras, de modo a transmitir de forma exata a informação ao leitor. E cabe ao jornalista, além de informar, divertir e contribuir para a formação da opinião pública.

Cultura e sensibilidade para selecionar notícias são duas características apontadas como fundamentais à boa prática do jornalismo por Celso Kelly. O autor destaca que sem cultura e sensibilidade, os jornalistas não conseguem selecionar as notícias entre as centenas ou até mesmo milhares de informações que chegam às redações.

A ética é outro aspecto destacado como fundamental à boa prática do jornalismo, sendo associada especialmente à busca pela verdade.

Se a ignorância leva por vezes a distorções e equívocos, o fanatismo ou quaisquer outras paixões podem conduzir a falsidades. Não pode o jornalismo fugir à sua ética, que é baseada na verdade e somente na verdade. Se a imprensa tem hoje a importância que tem e a sua liberdade é um ponto capital do verdadeiro progresso social – pondera Alceu Amoroso Lima – é devido a esse seu papel para criar a Opinião Pública e mantê-la, dentro de seus direitos e dos seus deveres. Sempre que o jornalista envenena a Opinião Pública, fanatiza-a ou a in-forma mal, está falhando à sua finalidade. (KELLY, 1966, 56)

Kelly observa que o compromisso com a verdade e a ética é uma das questões fundamentais “no preparo de jornalistas: a sua formação moral, alicerce da consciência de um ofício, que se transformou em profissão de interesse público, como o professorado ou a medicina.” (KELLY, 1966, 56) Por isso, o autor considera que ética e legislação de imprensa é uma disciplina considerada fundamental.

Do ponto de vista da cultura, outro pilar importante na formação dos jornalistas, Kelly destaca a importância de os jornalistas terem uma sólida formação em cultura geral, compreendendo:

(...) a interpretação do tempo, ou seja a história e a contemporaneidade; o conhecimento do espaço, ou seja a geografia e a física; a linguagem científica, ou

seja a matemática, a metodologia das ciências, e a ciência em si, em seu estado atual, particularmente as conquistas biológicas; os estudos relacionados com a sociologia, a economia, a política, a criminologia, as relações internacionais, no que se identificam com problemas vivos do presente; uma visão ampla das artes, da indústria e dos esportes, como formas criativas e recreativas (...)
(KELLY, 1966, 58)

O autor observa, no entanto, que este vasto conhecimento não significa que se pretenda transformar os jornalistas em enciclopédias, mas capazes de dominar o que seja fundamental para interpretar “a infinita riqueza humana, como notícia e público”. (KELLY, 1966, 58 e 59) Mas o ensino de tais disciplinas deve atender às peculiaridades do jornalismo, por meio dos programas, que defendia Kelly, deveria ser distinto do que é oferecido em outros cursos, como filosofia, magistério, etc. Por isso, a ênfase deve ser na problemática contemporânea. Nada a ver também com o que se fazia no antigo ensino médio, “(...) tão divorciado da vida que nêle insistir importaria em aprofundar um vício”. (KELLY, 1966, 59) Prossegue ainda, defendendo que o êxito do ensino estaria na articulação das diferentes disciplinas, na “interpretação das vivências do nosso tempo”. (KELLY, 1966, 60)

Mais uma vez, o autor enumera os conteúdos que considera fundamentais à formação dos jornalistas e que ele chama de Ciências da Informação e da Comunicação Coletiva: Psicologia Social, Antropologia Cultural, Ética, Política, Psiquiatria, no aspecto da formação geral, e Publicidade, Relações Públicas, Educação, Administração e Estatística, entre as consideradas específicas. Seria assim constituído um arcabouço de saberes de diferentes campos das ciências, para o que chama de “análise fenomenológica da notícia”, dando ao jornalista “plena consciência” dos seus afazeres. (KELLY, 1966, 61)

Uma outra disciplina considerada fundamental por Kelly é a de Introdução ao Jornalismo, ou Teoria do Jornalismo e das Comunicações, que daria aos jornalistas a capacidade de convergir “dados para a análise do fenômeno “comunicação coletiva” (...). (KELLY, 1966, 61)

Ainda que considere um certo idealismo, o autor defende uma formação que crie uma “consciência jornalística escrupulosa”, fazendo com que os meios de comuni-

cação seriam regidos por práticas que capazes de conter excessos, banir a demagogia, evitar o sectarismo e ser orientado por uma ação neutra. (KELLY, 1966, 61)

O livro reúne ainda as considerações que Celso Kelly fez ao Conselho Federal de Educação a respeito das reformulações que julgava necessárias ao ensino de jornalismo. O posicionamento parte de considerações formuladas e divulgadas em 1948 pela Unesco (mais especificamente pela Segunda Comissão de Necessidades Técnicas), e que considerava o treinamento profissional condição básica para o bom desempenho profissional.

Os quatro princípios fundamentais promulgados pela Unesco davam conta da enorme influência que o jornalismo exerce sobre a sociedade, alertando para o que pode ser feito a partir disso, de forma positiva e negativa, inclusive do ponto de vista do entendimento ou da discórdia entre as nações. O terceiro princípio diz respeito à necessidade de o jornalismo ser praticado por profissionais que possuam “mais ampla base de conhecimentos”, para evitar a “superficialidade ou a natureza apressada de seus comentários”. Por fim, reforça-se o papel da prática, essencial “à boa aplicação dos conhecimentos gerais e das técnicas da informação”. (KELLY, 1966, 62 e 63)

O autor volta a ressaltar o valor do processo de aprendizagem decorrente da prática, lembrando que “cada redação ou estúdio vem sendo uma escola natural, em que, não havendo as figuras ostensivas do mestre e do aluno, existe, contudo, uma progressiva transmissão de técnicas e conhecimentos, ao sabor das circunstâncias e solicitações”. (KELLY, 1966, 62)

Ele observa que essa formação contínua apresenta virtudes e também excessos, tanto na aprendizagem informal, decorrente da prática, quando no âmbito acadêmico. Kelly considera ainda a dificuldade de se transpor a vivência da profissão - qualquer que seja – para o espaço da escola, e resalta que esse processo, que ocorre em todas as áreas, só se dá com uma ação contínua, de experiências e ajustes. Defende ainda o valor da pesquisa, como lugar capaz de propiciar a renovação:

Quase sempre se caracterizou pelo predomínio das teorias sobre a prática; pelo verbalismo exagerado; pela falta de objetividade; por um formalismo exacerbado. Assim tem acontecido em todos os ramos, na medicina e na própria engenharia, mais próximas da objetividade, em virtude da natureza de cada qual. Entretanto, sucessivas alterações vão

conquistando a desejada integração profissional. A Lei de Diretrizes e Bases obriga o ensino superior à sua ministração em cooperação com centros de treinamento. O verbalismo cede lugar à vivência da profissão. Não dispensa, porém, a sistemática dos estudos. E, mais ainda, não se contenta com a revelação do saber específico em seus conhecimentos compendiados: exige a concomitância do ensino com a pesquisa, pois só esta abre caminho à renovação, fugindo à rotina. (KELLY, 1966, 66)

A criação do Ciespal, por iniciativa da Unesco, idealizada em 1958 e iniciada em 1959, também é ressaltada por Kelly, que a considera “bem inspirada”. O autor cita a realização de levantamento feito em todos os países ibero-americanos, em quatro seminários, destinados a promover o encontro de professores e diretores dos cursos de jornalismo, de diretores e profissionais de veículos de comunicação e de associações de classe, visando à discussão sobre “as virtudes e defeitos do ensino de jornalismo” e que resultou numa publicação indicando soluções e revisões. (KELLY, 1966, 67)

Kelly enaltece o lugar do Ciespal na análise da formação dos jornalistas, explicando que os seminários realizados pelo Centro abordaram temas como a estrutura dos cursos de jornalismo em relação às necessidades dos meios de comunicação, a situação dos profissionais e o desenvolvimento das ciências da informação.

Com relação à prática, Kelly considera que “o treinamento” poderia ser feito com o deslocamento dos alunos a uma redação, onde pudesse realizar estágio, “oferecendo a vantagem incontestável da vivência efetiva da profissão”, ou pela criação de estruturas de laboratórios onde pudessem ser realizados exercícios (mas tendo, segundo o autor, como “desfavor a ausência de realismo profissional”) ou, por fim, o intercâmbio entre as escolas que formam os jornalistas e as empresas, com os alunos passando períodos alternados de meio ano em cada ambiente.

Qualquer que seja a modalidade admitida para o treinamento, impõe-se, como medida complementar, a participação de representantes de empresa nos conselhos departamentais de jornalismo. Graças a essa presença, a profissão estaria refletida nos planos de ensino, e a parte de aplicação ganharia perspectivas imprevistas. Até mesmo – tal como ocorre em certos cursos técnicos de nível superior no Brasil – os alunos passariam a profissionais antes de terminado o curso. (KELLY, 1966, 73)

Considerações finais

A partir do que foi apresentado, é possível observar que a perspectiva de Celso Kelly ainda se apresenta de forma efetiva na formação dos jornalistas no Brasil, em especial diante da ênfase que costuma se dar à técnica.

Observa-se ainda o reconhecimento de Kelly a respeito da influência da Unesco e do Ciespal na concepção da proposta que introduziu no Brasil, de um profissional polivalente, capaz de atuar em diferentes áreas da comunicação.

E, também, o distanciamento que o educador faz do jornalismo com a ciência, ao considerar que se trata mais de uma arte, pela sensibilidade e outros aspectos exigidos dos profissionais. Mas isso revela também uma preocupação com uma teoria estética que tornava o jornalismo diferente por completo das demais profissões, inclusive com relação às características que deveriam possuir os que optassem por se dedicar à área, inclusive com ênfase ao aspecto da vocação.

A importância que o autor dá ao treinamento, termo empregado por diversas vezes, também deve ser destacada. Revela a defesa da perspectiva de se formar para o mercado e no próprio mercado, sem que haja, no entanto, alguma observação a respeito das implicações que podem decorrer dessa proximidade.

Por isso, o educador destaca o realismo profissional, ao defender, por inúmeras vezes, a experiência prática, realizada inclusive nas redações, na modalidade dos estágios, ou até mesmo dos laboratórios (no caso de não ser possível ir até às redações). Sem dúvida, essa representa uma das principais marcas do ensino defendido por Kelly para a área de jornalismo, ao contrário do que ocorria no currículo anterior, que enfatizava uma ampla formação humanística, sem praticamente qualquer experimentação prática.

A trajetória de Celso Kelly é mais um ponto a ser observado. Entre as inúmeras funções que acumulou ao longo da vida, há a passagem da presidência da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) três meses antes do fim do mandato para assumir a função de diretor do Departamento Nacional de Ensino do Ministério da Educação, em 1966, em pleno regime militar.

Referências

AGUIAR, Leonel. As diretrizes curriculares e a formação específica em jornalismo. In Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, Volume 14, número 27, julho/dez 2013

_____ e BARSOTTI, Adriana. Clássicos da comunicação – os teóricos. Rio de Janeiro: Vozes e Puc-Rio, 2017

_____ e RODRIGUES, Claudia. Ser jornalista na contemporaneidade: Uma contribuição aos estudos da profissão. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v. 7, n. 21, p. 301-316, jul./dez. 2017. Disponível em <http://www.fnpi.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/view/491/321>

ALMEIDA, Maria da Conceição de. CARVALHO, Edgar de Assis (org). Edgar Morin - Educação e Complexidade: os sete saberes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 2005

BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa – Brasil – 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007

COMISSÃO DE ESPECIALISTAS. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo – Relatório. Portal do MEC, Brasília, set./2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf

FACCIN, Milton. E FERREIRA, Soraya Venegas. Entre nós: desafios da implantação dos TCC's como síntese dos seis eixos previstos pelas DCN's para formação do jornalista no século XXI. Disponível em <http://www.fnpi.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/viewFile/372/230>

FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas (org). Formação superior em Jornalismo. Uma exigência que interessa à sociedade. Cátedra Fenaj-UFSC de Jornalismo para a Cidadania. Disponível em <http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/03/livro11.pdf>

FIDALGO, Antônio. O ensino de jornalismo no e para o século XXI. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-ensino-jornalismo-internet.pdf>

FNPJ - Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. Reflexões para o ensino de jornalismo no Brasil: algumas abordagens; organização de Fabiano Ormanzeze, Rogério Eduardo Rodrigues Bazi. - Campinas: 2014. Disponível em http://www.abejor.org.br/Livro_FNPJ.pdf

GONÇALVES, Carlos Manoel. Análise sociológica das profissões: principais eixos de desenvolvimento. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5512.pdf>

KELLY, Celso. As novas dimensões do Jornalismo. Coleção Temas Atuais. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1966.

_____. Arte e Comunicação. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1978, 2ª edição ampliada.

_____. Escola Nova para um tempo novo. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.

MARQUES DE MELO, José. Jornalismo: compreensão e reinvenção. São Paulo: Saraiva, 2009

MEDITSCH, Eduardo. Pedagogia e Pesquisa para o Jornalismo que está por vir. A função social da Universidade e os obstáculos para a sua realização. Florianópolis: Insular, 2012

_____. O Jornalismo é uma forma de conhecimento?

Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>

_____. Crescer para os lados ou crescer para cima: o dilema histórico do campo acadêmico do Jornalismo. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-dilema-historico-jornalismo.pdf>

_____. A filosofia de Paulo Freire e as práticas cognitivas no Jornalismo. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-filosofia-paulo-freire.pdf>

_____; Ayres, Melina de la Barrera; e Segala, Mariana. De volta à especificidade dos estudos em jornalismo: O GT da Alaic no início do novo século. Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación. Ano XV, número 27, Julio-Diciembre 2017

MORAES, Lilian Saback de Sá. As novas diretrizes curriculares para os cursos de jornalismo e o possível fortalecimento da ética profissional. 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo ECA/USP – São Paulo – Novembro de 2017. SPBJOR. Disponível em <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/675/440>

MORETZHON, Sylvia. Pensando contra os fatos. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000.

_____. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Unesco-Cortez Editora, 2000.

PULIZTER, Joseph. A escola de jornalismo – A opinião pública. Edição bilingue. Série Jornalismo a rigor. V. 3. Florianópolis: Insular, 2009

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. Volume I – Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005

_____. O estudo no jornalismo no século XX. São Leopoldo-RS: Unisinos 2001

_____. Jornalismo: questões, teorias e “estórias”; Lisboa: Veja, 1999